

DIÁLOGOS E REPRESENTAÇÕES TRADUTÓRIO-LITERÁRIAS: EU E O MUNDO

Katia Aily Franco de Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
katia.aily@ufrn.br

Álvaro Echeverri
Universidade de Montreal
a.echeverri@umontreal.ca

(Editores ad hoc)

No atual cenário político mundial, em que conflitos pululam, provocando um aumento dos fluxos migratórios e um recrudescimento de políticas nacionalistas e populistas, os estudos imagológicos ganham nova importância. Surgida nas décadas de 1950 e 1960, durante a “crise” da Literatura Comparada declarada por René Wellek, a imagologia se dedica ao estudo e teorização comparativos e transnacionais dos estereótipos nacionais e culturais. Não se trata de uma teoria do nacional ou da identidade cultural, como bem lembra Van Doorslaer (2016; 2024), mas de uma teoria que trabalha com a representação de nações e/ou de nacionalidades. Isso ocorre uma vez que se preocupa com imagens, estas construídas em um tempo e um espaço determinados, por um grupo específico.

Na última década, a imagologia tem sido retomada e ressignificada, e seu caráter interdisciplinar tem sido reforçado, propondo novos caminhos para a reflexão sobre as representações culturais e identitárias (Van Doorslaer, 2024). A interface com os Estudos da Tradução aparece pela primeira vez com Johan Soenen em *Imagology in the framework of Translation Studies* (1995) e, na última década, eles chegam a uma centena, de acordo com a *Translation Studies Bibliography*.

O ser humano desenvolveu a capacidade de classificar objetos e seres que fazem parte de seu mundo objetivo. As categorias e as classificações são construções sociais às quais recorremos para determinar quais elementos pertencem a uma classe “X” e como eles se distinguem uns dos outros. Quando se trata de pessoas, independentemente da cor da pele, do formato dos olhos ou do tamanho das narinas, nós somos constituídos por células, e cada célula possui 23 pares de cromossomos. Apesar dessa evidência biológica, certos grupos humanos

conseguiram impor suas culturas sobre outros, destacando suas diferenças experienciais que são fruto de construções sociais.

Um exemplo bem conhecido dessas construções sociais é a imagem do *bon sauvage* que os europeus construíram e propagaram acerca dos habitantes do continente americano conquistado no final do século XV. A imagem criada retrata esses habitantes como seres que vivem em seu estado natural, alegres, despreocupados e em perfeita harmonia com um território virgem. Montaigne, em *Des Cannibales* (1580), exemplifica essa perspectiva ao questionar quem seriam os verdadeiros “bárbaros”, idealizando aspectos da vida indígena em contraste com a Europa civilizada. Para os europeus, essas sociedades que ainda não tinham acesso aos mesmos desenvolvimentos tecnológicos, tampouco ao mesmo tipo de instituições ou organizações sociais das sociedades europeias, eram consideradas inferiores aos olhos dos colonizadores. A imagem do *bon sauvage* serviu, assim, para privar os povos autóctones de sua história e de suas civilizações.

Essa mesma imagem do *bon sauvage* serviu também a um projeto político maior, sobretudo durante o Iluminismo, para expor os excessos e os abusos dos colonizadores em relação aos povos originários. Como comenta Valdeón (2015, p. 223), durante os séculos XVI e XVII, o Império espanhol era sinônimo de poder, mas também de opressão. Os impérios inimigos inglês e francês, em particular, esforçaram-se para ampliar essa imagem de opressão, de genocídio, de fanatismo religioso, de pilhagem e de destruição que ficou conhecida como a Lenda Negra, diretamente associada à Espanha, ainda que, nesse aspecto, os outros impérios coloniais não tenham sido melhores.

Ironicamente, as primeiras críticas aos excessos do Império espanhol em suas colônias de além-mar foram obra dos missionários encarregados da evangelização dos novos súditos do Império. O texto que mais contribuiu para nutrir a imagem da Lenda Negra foi a *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, publicada em 1552 pelo frade dominicano Frei Bartolomeu de Las Casas (Greer, Mignolo e Quilligan, 2008, p. 5). Durante o século XVI, esse texto foi traduzido para o francês (1578) e para o inglês (1583) com o objetivo de expandir a imagem negativa do Império espanhol. Roberto Valdeón (2012) analisou as traduções do texto de Las Casas para o inglês e concluiu que elas foram utilizadas pelos ideólogos da Rainha Elizabeth I em uma campanha de difamação contra a Espanha. As traduções desse texto serviram-se, no decorrer dos séculos, de estratégias evidentes de manipulação

textual, tais como a inclusão de ilustrações representando a crueldade em relação aos povos originários e de títulos que utilizam uma linguagem exagerada, até mesmo sensacionalista, que marcaram o imaginário dos leitores e serviram aos projetos políticos dos inimigos do Império espanhol. Segue um exemplo de um desses títulos, a tradução de John Phillips de 1656:

The Tears of the Indians: / Being / An Historical and True Account / Of the Cruel / Massacres and Slaughters / of Above Twenty Millions / of Innocent People; / Committed by the Spaniards / In the Islands of / Hispaniola, Cuba, Jamaica, &c. / As Also, in the Continent of / Mexico, Peru, & Other Places of the / West-Indies, / To the Total Destruction of Those Countries. / Written in Spanish by Casaus / an Eye-witness of those things.

[*As Lágrimas dos Índios:/ sendo / um relato histórico e verdadeiro/ dos cruéis/ massacres e carnificinas/ de mais de vinte milhões/ de pessoas inocentes/ cometidos pelos espanhóis/ nas Ilhas de/ Hispaniola, Cuba, Jamaica, etc./ Bem como, no Continente do/ México, Peru, e Outros Lugares das/ Índias Ocidentais/ para a destruição total daqueles países./ Escrito em espanhol por Las Casas/ uma testemunha ocular dessas coisas.*] (Tradução nossa).

O interesse em traduzir o texto de Las Casas e a manipulação do título da obra oferecem uma ideia clara da maneira como a tradução pode ajudar a veicular a criação de imagens de um autor, de uma obra ou de uma cultura com fins políticos ou outros. Exemplos desse tipo justificam o interesse que os Estudos da Tradução têm demonstrado pelo conceito de imagologia como uma das múltiplas abordagens para as análises tradutológicas.

Os casos da imagem do *bon sauvage* e da Lenda Negra espanhola mostram como representações estereotipadas, construídas e disseminadas por meio de traduções, assumem funções políticas específicas e têm consequências duradouras para as nações retratadas. Essa prática persiste no contexto contemporâneo. Em 2023, Daniel Buarque publicou “It’s always sunny in Brazil: images, stereotypes, ignorance, and the country’s international status”. Nesse artigo, o autor reflete sobre um dos fatores que influi na aspiração do Brasil de ampliar seu prestígio internacional: a forma como o Brasil é percebido pelos outros. Durante as entrevistas que realizou com membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC), *corpus* de sua pesquisa, ele perguntou aos participantes o que lhes vinha à mente quando pensavam no Brasil e que imagem tinham desse país em seus próprios

países. Os entrevistados associaram o Brasil a clichês superficiais, como se observa na citação a seguir:

As imagens mais citadas pelos entrevistados ao discutir as percepções sobre o Brasil foram futebol, carnaval e samba, natureza e a Amazônia, praias, corrupção, violência e criminalidade, música, tamanho do país, simpatia, felicidade, turismo, distância, cultura, novelas, exotismo, Rio de Janeiro, Lula, povo divertido, café, mulheres e sensualidade. [...] as imagens mais proeminentes sobre o Brasil costumam ser positivas, mas costumam estar relacionados à ideia de que é um lugar ensolarado, com grande beleza natural, maravilhoso para férias, lazer e esportes, com muitas praias, música, festas, felicidade e sensualidade... (Buarque, 2024, s.p.).

As imagens elencadas por Buarque de um Brasil terra do futebol, do carnaval e da Amazônia também foram, de certa forma, identificadas por Camargo [2025] em seu estudo sobre as representações do Brasil presentes na literatura infantil e juvenil da Grande Bibliothèque de Montréal (BAnQ), a maior biblioteca francófona das Américas. No acervo infantil da BAnQ, em meio à literatura brasileira traduzida e às obras sobre o Brasil ali disponíveis, predominam textos que tratam da floresta amazônica, seguidos pelos temas viagem e povos originários. O carnaval, o futebol e a pobreza também aparecem, mas de maneira menos recorrente.

Essas imagens também se fazem presentes nos artigos que reunimos neste volume da revista *Odisseia*. O artigo de Celeste Ribeiro de Sousa traduz e analisa a obra de Ida Knoll (1835-1919), imigrante alemã pioneira no Brasil, publicada originalmente em jornais e almanaques; o estudo argumenta que essa literatura imigrante feminina é um testemunho histórico e estético crucial, oferecendo uma perspectiva singular sobre a formação cultural brasileira. Laura Cristina Andrade e Germana Pereira, por sua vez, analisam como a personagem Tia Nastácia é representada na obra *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato (1936), e como essa representação é refletida na tradução para o espanhol realizada por Benjamin de Garay e publicada em Buenos Aires, em 1938; as autoras apontam para a presença e exacerbação de traços racistas nos sistemas literários brasileiros e argentino do início do século XX.

Na sequência, Wagner Monteiro e Maria Alice G. Antunes concentram-se na avaliação do processo de tradução para o espanhol de *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (1965), realizada por José María Pemán; o artigo demonstra que as modificações realizadas pelo tradutor eliminaram elementos culturais e

linguísticos relevantes do texto de partida, revelando certo apagamento da cultura nordestina. Igualmente, Tiago Marques Luiz, Suellen Codorvil da Silva e Mirian Ruffini analisam a tradução inglesa dos contos “Coração” e “A noiva do som”, de João do Rio, investigando como a hiperestesia e o fantástico são preservados por meio das escolhas lexicais e sintáticas da tradutora. Já Carolina Paganine compara duas traduções inglesas de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1978 e 2011/2014), analisando como os tradutores lidaram com questões de linguagem, poder, raça e oralidade; a autora constata que a tradução mais recente atualiza a terminologia racial, mas ambas mesclam domesticação e estrangeirização, não confirmando integralmente a hipótese da retradução.

De modo similar, Mariana S. da Silva e Regina Kohlrausch investigam como a memória feminina da ditadura militar brasileira se manifesta na literatura anglo-brasileira, tomando como objeto de análise o romance *there are more things* (2023), de Yara Rodrigues Fowler, imigrante no Reino Unido e representante dessa escrita. Encerramos esta coletânea com a tradução de um importante texto de Emer O’Sullivan, “O encontro entre a imagologia e a literatura infantil”, que dialoga com a temática que procuramos debater neste volume; nele, a autora apresenta a imagologia, seus métodos de investigação e demonstra como essa abordagem pode ser aplicada de forma produtiva ao estudo da literatura para crianças, preenchendo uma lacuna na área.

A imagem do Brasil que sobressai dessa coletânea de artigos é, portanto, multifacetada, refletindo uma nação em tensão entre sua identidade pós-colonial, fraturas sociais de raça e classe, e o conflito entre o idealizado e o real. O país emerge, portanto, como uma sociedade dividida pelo racismo estrutural, herança da escravização, presente nas representações literárias e nas disputas linguísticas. E, como já dizia Roger Bastide, o Brasil é uma terra de contrastes: a metrópole decadente do Rio de Janeiro, o sertão nordestino de cultura popular híbrida, as colônias germânicas sulistas. Delineia-se, assim, um país culturalmente diverso, porém socialmente dividido, que se debate entre aspirações idealizadas e realidade desigual.

Referências

BUARQUE, D. It's always sunny in Brazil: images, stereotypes, ignorance, and the country's international status. *Opinião Pública*, v. 29, n. 3, p. 551–574, 2023.

BUARQUE, D. Estereótipos e preconceitos ofuscam imagem internacional do Brasil. *The Conversation*. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.64628/ADE.363y7gpv6>. Acesso em: 5 nov. 2025.

CAMARGO, K.A.F. Entre consagração e circulação: o impacto do Prêmio FNLIJ na exportação da literatura infantojuvenil brasileira. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*. [no prelo].

DE LAS CASAS, B. *The tears of the Indians...* Londres: Printed by J.C. for Nath Brook, 1656.

GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. *Translation Studies Bibliography*. Amsterdam: John Benjamins, [s.d.]. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/tsb>. Acesso em: 26 nov. 2025.

GREER, M. R.; MIGNOLO, W. D.; QUILLIGAN, M. (org.). *Rereading the black legend: The discourses of religious and racial difference in the renaissance empires*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

MONTAIGNE, M. Dos canibais. In: *Ensaio*. Tradução: Sérgio Milliet. 1. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1972. p. 104-109.

SOENEN, J. Imagology in the framework of Translation Studies. In: *Essays on translation, imagology and literature*. Leuven: Linguistica Antverpiensia, 1995. p. 17-22.

VALDEÓN, R. Tears of the Indies and the power of translation: John Phillips' Version of Brevísima relación de la destrucción de las Indias. *Bulletin of Spanish Studies: Hispanic Studies and Researches on Spain, Portugal and Latin America*, v. 89, n. 6, p. 839-858, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14753820.2012.712321>. Acesso em: 24 nov. 2025.

VALDEÓN, R. The construction of national images through news translation: self-framing in El País English Edition. In: VAN DOORSLAER, L.; FLYNN, P.; LEERSSEN, J. (org.). *Interconnecting Translation Studies and Imagology*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 219-237.

VAN DOORSLAER, L.; FLYNN, P.; LEERSSEN, J. T. (org.) *Interconnecting translation studies and imagology*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

VAN DOORSLAER, L. Translation (studies) and imagology. In: TYULENEV, S.; LUO, W. (org.). *The Routledge Handbook of Translation and Sociology*. Londres: Routledge, 2024. p. 447-459.